

UM BREVE ESTUDO SOBRE OS LEGADOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE BARCELONA E DO RIO DE JANEIRO

Eduardo Filipe Morais de Aquino¹

Janaina de Mendonça Fernandes¹

¹ Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) – Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Varginha-MG/Brasil

Resumo

O presente artigo possui como objetivo discorrer sobre as questões relacionadas ao legado dos Jogos Olímpicos realizados em Barcelona, em 1992, e no Rio de Janeiro, em 2016. Ademais, para ajudar no entendimento sobre esses temas, poderão ser vistos tópicos sobre a globalização e o mercado mundial de cidades. A metodologia deste trabalho constitui as seguintes tipologias de pesquisa: qualitativa, descritiva e documental. Como conclusão, o legado da edição realizada em Barcelona foi positivo, diferente do Rio de Janeiro, onde o legado abordou, apenas, uma população específica; sobre os megaeventos, como as Olimpíadas, o impacto desses em relação à cidade-sede é visível e possui a capacidade de transformar aquele território, através dos planos e das atividades que forem realizadas.

Palavras-chave: Legado. Megaeventos. Olimpíadas.

A brief study of the legacies of the Barcelona and Rio de Janeiro Olympic Games

This article aims to discuss issues related to the legacy of the Olympic Games held in Barcelona, in 1992, and Rio de Janeiro, in 2016. Furthermore, to help understand these topics, topics on globalization and the global city market can be seen. The methodology of this work constitutes the following research typologies: qualitative, descriptive and documentary. In conclusion, the legacy of the edition held in Barcelona was positive, unlike Rio de Janeiro, where the legacy only addressed a specific population; Regarding mega events, such as the Olympics, their impact on the host city is visible and has the capacity to transform that territory, through the plans and activities that are carried out.

Keywords: Legacy. Mega events. Olympics.

Un breve estudio sobre los legados de los Juegos Olímpicos de Barcelona y Río de Janeiro

Este artículo tiene como objetivo discutir cuestiones relacionadas con el legado de los Juegos Olímpicos celebrados en Barcelona, en 1992, y Río de Janeiro, en 2016. Además, para ayudar a comprender estos temas, se pueden ver temas sobre la globalización y el mercado global de la ciudad. La metodología de este trabajo la constituyen las siguientes tipologías de investigación: cualitativa, descriptiva y documental. En conclusión, el legado de la edición celebrada en Barcelona fue positivo, a diferencia de Río de Janeiro, donde el legado sólo se dirigió a una población específica; En el caso de megaeventos, como las Olimpíadas, su impacto en la ciudad sede es visible y tiene capacidad de transformar ese territorio, a través de los planes y actividades que se llevan a cabo.

Palabras clave: Legado. Megaeventos. Juegos Olímpicos.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13984527>

ISSN: 2359-6252

Editora-chefe: Letícia Lima Milani Rodrigues

Editor-adjunto: Vinicius de Souza Moreira

Artigo submetido em 22 de abril de 2024 e aceito para publicação em 03 de setembro de 2024



1. INTRODUÇÃO

Criado por Pierre de Coubertin, os Jogos Olímpicos foram realizados pela primeira vez em 1896, em Atenas, na Grécia. Suas edições acontecem em um intervalo de 4 em 4 anos e, modalidades individuais e coletivas (ao todo, na última edição, 48), como, por exemplo, natação, atletismo, judô, basquete, vôlei e futebol são disputadas em um intervalo de mais de duas semanas. A competição é organizada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) que possui como principais parceiros as Federações Internacionais de cada esporte e os Comitês Nacionais de cada país.

De acordo com Roche (2017), os megaeventos são grandes espetáculos que envolvem, por exemplo, os âmbitos cultural e esportivo de significativas proporções e que possuem um apelo da população e alcance internacional. Desta forma, com a realização de megaeventos esportivos a cada dois anos - Jogos Olímpicos e Copa do Mundo -, a questão do legado sempre estará presente para o local e ao espaço que recebem esses certames.

Entende-se legado como algo que foi recebido ou que foi proporcionado, deixado para o futuro, além de ser associado à questão da memória (Mazo; Rolim; DaCosta, 2008; Tavares, 2015). O legado proveniente dos eventos citados, não só está envolvido em questões esportivas (Poynter, 2008), isto é, há a importância de se deixar um legado àquela área, independentemente se houve competição ali ou não. Como exemplo, Chalip (2014) ressalta alguns tipos de legados que os megaeventos proporcionam para as cidades-sede e aos países, são eles: o crescimento econômico, o aumento no turismo local e a extensão da visibilidade internacional.

Ademais, não há um consenso sobre o sucesso ou o fracasso em sediar a competição. Cada município tem suas características e nelas possuem os mais variados casos que envolvem o seu plano estratégico, marketing urbano, a utilização do espaço e, conseqüentemente, diversos tipos de legados podem acontecer, sendo eles positivos ou não. Quanto aos Jogos Olímpicos, por exemplo, isso pode ser visualizado em vários aspectos, como: em relação às sedes, através dos legados a curto e longo prazo, sejam eles visíveis ou invisíveis, se o legado é tangível ou intangível e, também, nas fases dos legados da própria Olimpíada. Todos esses fatores são fundamentais para determinar se o megaevento esportivo proporcionou ou não um legado à cidade-sede.

Considerando que estes megaeventos têm potencial de gerar modificações num determinado espaço e, tendo em vista a relevância dos Jogos Olímpicos para as cidades sede, o que pode (ou não) contribuir para sua visibilidade e desenvolvimento, tem-se o seguinte questionamento: Qual o legado deixado pelos Jogos Olímpicos em cidades que já os sediaram no passado?

O presente artigo tem como objetivo deste trabalho demonstrar o legado das edições dos Jogos Olímpicos realizadas em Barcelona, em 1992, e no Rio de Janeiro, em 2016. Como justificativa para este estudo, mostra-se a importância do legado para uma competição que acontece periodicamente, a qual deixa um impacto por anos na cidade ou região, seja ele positivo ou não. À Administração Pública, o estudo contribui para a exposição de legados que um megaevento pode possibilitar à cidade e região. Ademais, o que é propiciado por eventos dessa dimensão pode impactar os habitantes que ali residem, sendo este um ponto importante, por exemplo, para a ampliação da infraestrutura e a realização de políticas públicas direcionadas ao esporte e ao bem-estar. A motivação para a realização deste estudo passa pelo fato de que serão vistos os legados de duas edições históricas das Olimpíadas - a edição realizada em Barcelona, que delineou um modelo de inserção de cidades no mercado mundial de cidades, por meio do marketing de cidades, que foi seguido pelo Rio de Janeiro; e a da cidade brasileira, destaca-se o fato de que foi a primeira edição dos Jogos Olímpicos realizada na América do Sul e, conseqüentemente, do Hemisfério Sul.

Ao todo, somada à esta introdução, o artigo possui outras quatro seções: na segunda, o referencial teórico, que aborda a bibliografia sobre o tema de acordo com os literatura disponível; na terceira seção, a apresenta-se a metodologia adotada no trabalho; na quarta seção, discute-se os legados nas duas cidades contidas no artigo; e, na última seção, as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Legado

Em relação aos megaeventos, de acordo com Raeder (2008, p. 206), o legado pode ser definido como: “conjunto de bens materiais e imateriais, que se conformam como permanências socioespaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento”. Preuss (2015) argumenta que os componentes essenciais para definir o legado são: a duração do evento e seu impacto direto (tempo); a criação de novas oportunidades e dinâmicas (novas iniciativas); o fato de serem positivos, sobretudo para quem se encontra implicado, ou negativos (valor); ter característica material ou imaterial (tangibilidade); não ficar apenas na cidade e, sim, se estender a outras áreas (espaço); e, por último, a ocorrência de legados de maneira indireta pelo evento, podendo - especialmente os negativos - não serem intencionais (intenção).

Segundo Raeder (2008), as especificidades que o legado pode proporcionar são distintas, diferenciando, até mesmo, os beneficiados pelos tipos legados através da realização dos Jogos Olímpicos. Desta forma, o autor cita que é necessário quantificar e qualificar o legado, tendo em vista os custos de oportunidade para a realização do megaevento - neste caso, as Olimpíadas. Sobre os Jogos Olímpicos, o documento do Comitê Olímpico Internacional (COI) voltado aos tipos de legados mostra que há cinco tipos de legados olímpicos, são eles: esportivo, social, ambiental, urbano e econômico (International Olympic Committee, 2013).

Há casos distintos, como ressalta Findling (2013) que se refere a legados que não proporcionam nada para a cidade-sede ou para o país, mas que são visualizados no Movimento Olímpico, a partir de inovações técnicas e no setor de comunicação, além do crescimento comercial são os maiores exemplos dessas ocorrências.

Ao decorrer das edições dos Jogos Olímpicos, houve cidades que tiveram seus problemas, desfechos positivos, continuidades no projeto e um bom legado. Como exemplos serão citados, através de Findling (2013) os casos de Saint Louis, em 1904, Los Angeles, em 1932 e em 1984, Atlanta, em 1996, Atenas, em 2004, Pequim, em 2008 e de Londres, em 2012, sendo as três últimas edições citadas por - Paiva (2013).

Findling (2013) evidencia que em Saint Louis, em 1904, o legado foi relacionado à uma pista de atletismo e com a tentativa de melhora na imagem da cidade; em Los Angeles, no ano de 1932, os legados foram, em sua maioria, voltados estritamente à competição, como, por exemplo, por ter sido a primeira edição em que foi utilizado um rádio para acompanhar o certame e a gravação de imagens para uma futura reprodução, além do grande lucro na venda de ingressos. Ainda sobre os Jogos Olímpicos em Los Angeles, em 1984, o superávit de 232,5 milhões de dólares foi um enorme salto nas finanças e nos benefícios vindos por intermédio da competição, ocasionando, após esta edição, um salto no número de candidaturas para sediar as Olimpíadas. Já em Atlanta, em 1996, a revitalização da zona urbana se limitou apenas aos locais onde a competição aconteceu, deixando de lado regiões mais pobres.

Há casos como o de Atenas, em 2004, que as obras não foram utilizadas após a competição pela população grega. Em Pequim, no ano de 2008, perante o enorme investimento chinês para receber o megaevento, houve o retorno econômico e, também, em relação ao meio ambiente. Na edição de 2012, em Londres, ocorreu a regeneração urbana na área de East London, que era uma região abandonada e, posteriormente, para as Olimpíadas, foi o local do Parque Olímpico (Paiva, 2013).

Sobre o legado e suas tipologias, Gnecco (2008) os caracteriza em 11 categorias, sendo elas: legado esportivo, legado de transporte, legado de tráfego, legado de telecomunicações, legado social, legado de segurança, legado de habitação, legado de conhecimentos, legado de imagem, legado de emoções e legado de cultura.

A partir dos exemplos citados acima, o legado pode ser caracterizado como tangível e intangível: o primeiro ponto pode ser retratado pela infraestrutura do evento, pois é cabível quando é realizada uma análise relacionada ao custo-benefício da obra; o segundo é associado ao aspecto cultural do megaevento, uma vez que pode ocasionar uma repercussão mais ampla e diversa (Mazo; Rolim; DaCosta, 2008).

Do mesmo modo, Preuss (2004) dividiu os legados por fases, sendo elas:

- Fase I (1896-1968): caracterizado por problemas financeiros por parte do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos (COJO) e pela escassa documentação dos efeitos econômicos;
- Fase II (1969-1980): o crescimento da venda dos direitos de televisão e dos patrocínios, e as mudanças às cidades-sede e ao financiamento para receber a competição;
- Fase III (1981-2003): Juan Antonio Samaranch assume a presidência do Comitê Olímpico Internacional (COI) e, a partir de Los Angeles, em 1984, com seu Comitê Organizador, realizou um novo modelo de organização das Olimpíadas;
- Fase IV (2004-2008): refere-se aos Jogos Olímpicos do futuro, a preocupação com a comercialização e os ideais olímpicos.

Complementando, Poynter (2008) cita três perspectivas sobre o tópico relacionado ao legado, mirando às cidades-sede, desde 1984. O autor ressalta:

- o legado proveniente dos megaeventos tem seu olhar voltado para as questões não esportivas, especialmente para receber os jogos;
- as cidades têm aliado suas propostas a estratégias de desenvolvimento econômico e regeneração que tendem refletir a natureza relativamente dinâmica de suas economias regionais e nacionais ou a relativa falta de dinamismo de suas economias;
- desde a edição em Barcelona, as cidades têm usado os Jogos como catalisadores de regeneração e confiado fortemente em diferentes formas de intervenções estatais para se promoverem como cidades globais.

Quadro 1 - Matriz de Legado

<p>Curto Prazo: Visível O Evento</p> <p>Sucesso Esportivo Desenvolvimento Comunitário Emprego Olímpico Pré-Eventos</p> <p>Receitas do COJO Direitos de Mídia Merchandising Marketing Patrocínios Venda de Ingressos Loterias Doações Lucros em aplicações Subsídios Públicos / Taxas Transportes e aluguéis & Receitas de Uso da Vila</p> <p>Despesas do COJO Construções temporárias Novas & Remoções Eventos de Cerimônias Segurança Seguros Administração & Relações Públicas Voluntariado Saúde Custos Médicos Eventos de Teste Acomodações Mídia & IT (Tecnologia da Informação)</p>	<p>Longo Prazo: Visível O Legado</p> <p>Legado Esportivo Regeneração Comunitária Emprego não-Olímpico Habitações Adicionais Lazer e Instalações Esportivas Espaços de Convenções / Exibições / Escritórios Infraestrutura de Telecomunicações Infraestrutura de Transporte Meio Ambiente (parques, espaços, água, ar, ecologia) Turismo Serviços Públicos – educação, saúde... Mercado de Trabalho – especialidades conhecimento Organização de Voluntários Aumento do Custo de Vida (variação percentual do índice na cidade-sede em comparação com outras cidades)</p>
<p>Invisível a curto-prazo</p> <p>Marca/Imagem-Cidade/Região Abordagem “Poder fazer” e “Não poder fazer” Mensagem “política” Deslocamento de recursos destinados a outros usos Deslocamento de outros recursos em demanda - “troca de gastos</p>	<p>Invisível a longo prazo</p> <p>Desaparecimento de empregos relacionados aos Jogos Conhecimentos e habilidades retidas “Ethos (valores) de voluntários mantidos Orgulho Nacional / Imagem / Marca “Efeitos de deslocamento” estruturais</p>

Fonte: Poynter (2008).

Complementando o Quadro 1, Pampuch, Almeida e Marchi Júnior (2012) ressaltam que os legados materiais estão atrelados à infraestrutura herdada pela cidade-sede, como, por exemplo, os ginásios, os alojamentos dos atletas - Vila Olímpica -, as estruturas relacionadas ao transporte, ao turismo e à cidade ao todo; por outro lado, os legados imateriais podem ser visualizados como o incentivo à prática de alguma modalidade, o conhecimento obtido pelos residentes do município e a capacitação dos indivíduos envolvidos na competição.

2.2 Megaeventos

Mascarenhas (2011) cita como megaeventos os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol, pois ambos os eventos têm o poder de atrair as atenções de milhões de pessoas e carregam como poucos a questão da globalização. Desta forma, esses megaeventos possuem uma enorme carga de

negócios; são direitos de televisão, ingressos - na maioria das vezes com preços altíssimos -, consumo dentro e fora dos lugares de competição, entre outros aspectos.

Oliveira e Gaffney (2010) retratam que os mesmos podem ser utilizados para impulsionar o desenvolvimento econômico no local, proporcionando, assim, uma extrema competição para recebê-los. Em outras palavras, conseguir sediar um megaevento, seria a janela de oportunidade para crescer como cidade e para dar o passo definitivo em relação ao desenvolvimento econômico, um ensejo para se inserir no mercado mundial de cidades. A título de exemplo, nas olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro, com a premissa do legado, a expectativa era de impulsionar a questão do transporte, da formação de atletas, do lazer e, ainda mais, o turismo (Medeiros; Buarque de Hollanda, 2018).

Em seu artigo “Sediar eventos esportivos vale a pena?”, a autora Giuliana Costa cita pontos positivos e negativos dos aspectos econômicos de sediar um evento dessa magnitude, além de suas vantagens e desvantagens. Se tratando dos benefícios que se dividem em diretos e indiretos, a autora cita como benefício direto, o fluxo de turistas, a atração de fluxos de capitais, a construção de instalações esportivas, entre outros. Como benefícios indiretos apareceriam a melhor percepção da cidade por parte do público internacional, a receita de publicidade, a positividade do comércio e das exportações (Costa, 2013).

Como aspectos negativos, Costa (2013) faz a referência a alguns pontos que podem ser atrelados ao parágrafo anterior, por exemplo, o aumento da dívida, os “elefantes brancos” - segundo Gonçalves (2008, p. 246), “espaços descartáveis”, isto é, estruturas que são utilizadas por um certo período e depois não possuem mais utilidade -, o mau uso do terreno, entre outros. Atando o que foi dito por Costa (2013), toda estrutura peculiar e específica que um evento dessas proporções necessita, faz com que a cidade tenha que se voltar totalmente para estas obras e adaptações, podendo ou não melhorar a qualidade dessas vertentes e do município (Paiva, 2013).

2.3 Mercado Mundial de Cidades

Resgatando a questão do mercado mundial de cidades e a competição para adentrar ao mesmo, o geógrafo Milton Santos em um dos capítulos de seu clássico livro “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” cita a globalização, a concorrência e a competitividade das cidades, estando essas em um mundo extremamente globalizado, tendo que competir para pertencer a esta globalização (Santos, 2001).

Agregando ao conteúdo da competitividade e da globalização de Santos (2001), Carlos Vainer em “Pátria, Empresa e Mercadoria”, fala sobre o “vender a cidade”, a qual, em um ambiente de alta competição, é uma mercadoria a ser vendida, tendo o marketing urbano como um ponto crucial para a gestão daquele município ou região (Vainer, 2002).

Mais adiante, Vainer (2002) questiona o que seria vender a cidade e quando se põe a mesma à venda. Vale ressaltar que a venda da cidade constitui a venda das características específicas que um município possui. Somado a isso, o autor evidencia a questão de quem será o comprador de um diagnóstico daquele espaço, de quais os mercados em que ela pode ser colocada à venda, entre outros.

Como complemento, Sánchez (2010), em seu livro “A reinvenção das cidades para um mercado mundial”, ressalta que a venda da cidade seria designada de acordo com a gama de mercados existentes, sendo eles: turístico, financeiro, consumo de alto padrão, corporações de âmbito multinacional e, por último, dos organismos internacionais.

Sendo assim, a conversão das cidades em mercadorias aponta que o desenvolvimento de mercantilização do território e do espaço alcança outro nível, sendo este fator elemento do progresso do universo voltado à mercadoria, da efetuação do capitalismo e da globalização (Sánchez, 2001). Para a autora, a existência de um mercado relacionado às cidades evidencia a maior aparição do espaço no capitalismo, além da tática da conquista do espaço, atingindo, assim, as cidades.

2.4 Globalização

Para realizar as Olimpíadas, é necessário um grande investimento no que tange sua organização seja dentro ou fora das instalações esportivas (Vico; Chiundila, 2019). Seja para desenvolver os esportes, para entrar no mercado mundial de cidades, para fortalecer ainda mais o turismo, a infraestrutura, a faceta econômica e o transporte. Além do investimento, do planejamento e de tudo que cerca este megaevento, a competitividade é um fator extremamente importante para entender como este processo funciona.

Antes, é importante evidenciar que competitividade, em seu âmbito territorial, é um fator que marca o fenômeno da globalização, tem como premissa a competição entre os mais diversos territórios ao redor do globo sendo, em diversas ocasiões, corroborados pelos Estados Nacionais e das políticas públicas dos mesmos (Rocha; Furtado; Cravidão, 2015).

Santos (2001) cita que a competitividade passa pelo processo de que há que vencer o outro de qualquer maneira, para tomar seu espaço, sendo este fator o ápice do sistema capitalista. Desta forma, no auge da competitividade, pode ser visto, de alguma forma, o aflorado capitalismo e a individualidade em sua máxima expressão. Ora, se os países querem o melhor para si, terão que competir entre eles e, em algum momento, esquecer relações passadas e atuais, acordos, entre outros fatores.

É como se fosse um “vale tudo” para ter os melhores investimentos, eventos, negócios e estruturas; o qual pode significar bons recursos, pode haver uma melhora naquele espaço, mas, também, pode ocorrer o contrário. Ademais, Preuss (2008, p. 82) retrata um pouco da globalização da seguinte forma: “a globalização não se traduz em benefícios para todos. Traduz-se em uma rede, que tem os seus nós e apenas algumas cidades estarão localizadas nesses nós, atraindo crescimento e produção”.

Somado a isso, Silveira (2002) evidencia que a globalização não atinge da mesma forma os espaços, as cidades e as regiões. Segundo a autora, a velocidade com que a globalização pode adentrar em um território depende de fatores como as empresas, as ações dos grupos imobiliários e das operações por parte do Estado em algumas seções, visando a construção de uma fluidez tanto normativa quanto material no espaço.

3. METODOLOGIA

Segundo as tipologias citadas por Gil (2002), este estudo é de categoria qualitativa as classificações de pesquisa utilizadas para a confecção deste artigo são: descritiva, bibliográfica e documental. A técnica qualitativa tem como base a melhor compreensão de um determinado fenômeno na conjuntura em que o mesmo acontece e está incluído (Godoy, 1995). O método descritivo possui como objetivo descrever as características de uma população ou acontecimento (Gil, 2002) e, neste artigo, aparece na exposição dos legados dos Jogos Olímpicos realizados em Barcelona e no Rio de Janeiro. Ainda de acordo com o autor, sobre os métodos bibliográfico e documental, os mesmos se distinguem apenas em relação à natureza das fontes utilizadas, sendo neste trabalho as informações retiradas de artigos e livros que tinham como assunto o tema principal deste trabalho.

Em relação à seleção das edições, pontua-se que Barcelona foi o ponto determinante para a mudança do panorama da competição e, também, do planejamento realizado para a cidade e suas modificações; sobre o Rio de Janeiro, ressalta-se que houve uma procura por parte dos governantes locais ao modelo utilizado em Barcelona - conhecido como “Modelo Barcelona” (nome dado ao Planejamento realizado na cidade espanhola, que resultou transformações em sua área urbana) -, além de ter sido a primeira edição dos Jogos Olímpicos realizada em solo sul-americano.

4. LEGADO EM BARCELONA E NO RIO DE JANEIRO

O legado que Barcelona proporcionou começa pelo fato de que a cidade aproveitou plenamente a oportunidade em sediar os Jogos Olímpicos para revitalizar obras, realizar uma enorme transformação urbana, construção de parques, aperfeiçoar o transporte e alavancar o turismo. Além disso, as parcerias realizadas por parte do governo e do modelo público-privado fez com que Barcelona fosse pioneira em vários pontos quando o assunto são as Olimpíadas. O marketing de cidades e a questão do turismo também são quesitos que Barcelona aproveitou para seu crescimento.

Giambiagi et al. (2010) citam que haveria três pontos cruciais que o Brasil teria nos anos seguintes, passando pelos megaeventos esportivos - Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016 - e com encerramento em 2022, quando o Brasil completaria 200 anos de sua independência, podendo, esta data, ser importante para traçar metas e objetivos para o futuro nos âmbitos econômico e social.

No entanto, não foi isso que aconteceu. No caso da Copa do Mundo, há estádios que foram construídos para o certame que são pouco utilizados - os clássicos “elefantes brancos”, como, por exemplo os estádios construídos em Natal e São Lourenço da Mata - ou recebem um público baixíssimo; nos Jogos Olímpicos, muitas instalações esportivas não estão sendo utilizadas e a infraestrutura, como poderá ser visto com mais detalhes em algumas linhas; e, por fim, no ano em que o Brasil completou 200 anos de sua independência, não foram pautadas metas e objetivos nas facetas econômica e social para o desenvolvimento do país.

Na cidade brasileira, de acordo com Lassance (2017), a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro deu o destaque à questão da mobilidade como o principal legado proporcionado pelos Jogos Olímpicos, através do Plano de Mobilidade Urbana (PMU) e de novas linhas do *Bus Rapid Transport* (BRT). Todavia, o autor cita que existem muitas críticas sobre essas atividades, tendo como principais alegações dos moradores da capital fluminense a baixa eficiência relacionada à distância do trabalho e das moradias das pessoas que utilizam esses serviços e a alta locação em horários considerados de pico.

Como complemento, o Rio de Janeiro, tendo a seu favor o fato de ser a pioneira nos Jogos Olímpicos na América do Sul não teve tanto sucesso em sua empreitada. Os recursos públicos não foram utilizados para o benefício da população, tendo os investimentos sendo amplamente deslocados para a Barra da Tijuca, uma região nobre do município (Oliveira; Gaffney, 2010).

O legado que impactou tanto Barcelona quanto o Rio de Janeiro de maneira negativa foram a gentrificação, os despejos, a especulação imobiliária, entre outras questões. Em Barcelona, 624 famílias foram desalojadas dos espaços delimitados às zonas olímpicas ou que receberam algum empreendimento relacionado à competição, sendo 147 para a construção da vila olímpica, 83 para a construção de anéis viários (Ronda de Dalt), 112 relacionadas às questões com anéis viários fora da cidade de Barcelona e 282 para projetos de renovação urbanística nos distritos de Sant Martí e Montjuïc (Lima, 2015).

Somado a isso, no caso de Barcelona, os preços dos imóveis subiram de forma drástica e não houve políticas públicas de habitação para as pessoas que ficaram sem casa, imigrantes, sem-teto e os grupos menos favorecidos (Lima, 2015) e o aumento do preço dos imóveis não ficou para trás, com um aumento de 240% entre 1986 e 1992 (Lima, 2015) - anos do anúncio e da realização dos jogos, respectivamente.

No Rio de Janeiro, com as obras para os jogos, a especulação imobiliária fez com que a cidade tivesse o metro quadrado mais caro do país, as passagens dos transportes aumentaram, tendo como resultado uma valorização desses serviços e, posteriormente, os deixando mais caros e restringindo esses serviços para as classes mais baixas (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015).

Outros dois fatores merecem destaque: as remoções. Foram removidas 22.059 famílias por obras relacionadas ao transporte, estacionamento, Parque Olímpico e ao Projeto Porto Maravilha, e a repressão informal ao trabalho, sendo milhares de ambulantes retirados de suas áreas de trabalho ou até mesmo proibidos de realizarem suas atividades (Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas do Rio de Janeiro, 2015).

Desta forma, o fato de realizar a competição atinge alguns grupos sociais, pois, para que as obras possam ser executadas, acontecem, por exemplo, desapropriações, proporcionando aos cidadãos daquele local consequências para o resto de suas vidas e para gerações futuras. Somado a isso, pode acarretar também a exclusão desses grupos da cidade em si, ou seja, eles não são capazes de ter acesso à cidade e da oportunidade de usufruir do legado, sendo necessário recursos financeiros, dado que há uma valorização dos espaços urbanos pós competição, o que pode encarecer o acesso ao solo e aos serviços (Fernandes, 2008).

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo demonstrar o legado das edições dos Jogos Olímpicos realizadas em Barcelona, em 1992, e no Rio de Janeiro, em 2016. Pode-se concluir que a realização dos megaeventos, no caso do trabalho das Olimpíadas, impacta fortemente a cidade-sede e possui a capacidade de transformar aquele território, através dos planos e das atividades que forem realizadas. A cidade espanhola por meio do Modelo Barcelona aproveitou esta janela de oportunidade e fez com que a cidade entrasse no mercado mundial de cidades. Por outro lado, o Rio de Janeiro não obteve o mesmo sucesso.

Há, também, críticas sobre a questão da cidade como uma mercadoria, das políticas neoliberais e o quanto o espaço fica inacessível para as classes mais baixas. Com o avanço desses fatores, muitas pessoas não tiveram a oportunidade de aproveitar o direito à cidade que cada cidadão possui.

Sendo assim, para estar ali, é necessário consumir, não há outra maneira. Somado a isso, os gestores e os prefeitos, buscando sediar, por exemplo, um megaevento, são capazes de transformar a cidade através dos fatores já citados para conseguir seu objetivo, colocar aquele determinado município à vista, em outras palavras, “no mapa”.

Em relação à pergunta realizada na introdução deste trabalho, o legado de Barcelona logrou com que as instalações e o restante das obras realizadas para a competição fossem reutilizados posteriormente, além, claro, do legado esportivo que foi consolidado na região metropolitana da cidade condal. Em contrapartida, no Rio de Janeiro, muitas obras estão inutilizáveis e não estão sendo aproveitadas pela população, ou seja, o custo-benefício do que foi feito é baixo. Houve um gasto considerável para a realização das obras e dos Jogos Olímpicos, no entanto, uma quantidade do que foi realizado, hoje, pode ser considerado “elefante branco”. Ademais, na cidade fluminense, o legado olímpico englobou, apenas, uma população específica.

Como sugestões para estudos futuros, aponta-se a necessidade da continuação da abordagem sobre o legado dos Jogos Olímpicos voltada para as suas futuras edições. Correlacionado a isso, também são recomendados estudos sobre o impacto da competição nas cidades-sedes, seus pontos positivos e negativos e o benefício social que os legados trazem ao município, região e país que recebem as Olimpíadas e, também, a Copa do Mundo de Futebol - dois dos maiores megaeventos esportivos do mundo.

REFERÊNCIAS

- CHALIP, L. Beyond Impact: A general model for host community event leverage. In: RITCHIE, B. W.; ADAIR, D. **Sport Tourism: Interrelationships, impacts and issues**. Clevedon: Channel View Publications. Clevedon: Channel View Publications, 2004, p. 226-252.
- COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. **Olimpíada Rio 2016, os jogos da exclusão**, 2015. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2015/12/10/dossie-rio-olimpiadas-2016-os-jogos-da-exclusao> Acesso em 2 de maio de 2023.
- COSTA, G. Sedar megaeventos esportivos vale à pena? **O Social em Questão**, n. 29, 2013.
- FERNANDES, J. M. **O planejamento estratégico como instrumento de gestão em cenários complexos: um estudo sobre os planos estratégicos do Rio de Janeiro e de Barcelona**. Tese (Doutorado em Administração), Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008.
- FINDLING, J. E. et al. Los Legados Olímpicos. Los Juegos de verano de Los Estados Unidos de 1904, 1932, 1984 y 1996. **Citius, Altius, Fortius**, v. 6, n. 1, 2013.
- GIAMBIAGI, F. et al. O papel do Estado, o projeto olímpico e a importância do legado. **FÓRUM NACIONAL-NA CRISE, BRASIL, DESENVOLVIMENTO DE UMA SOCIEDADE ATIVA E MODERNA**, v. 22, 2010.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, 1995.
- GNECCO, J. Apontamentos sobre a realização os legados dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007. In: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZUTTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. Eds. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. pp. 265- 270.
- GONÇALVES, G. R.. A lógica do “elefante branco”: obsolescência programada do espaço na Copa de 2014. **Ateliê Geográfico**, v. 7, n. 3, 2008.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Legacy**. Lausanne: IOC, 2013.
- LASSANCE, Guilherme. Sobre a oportunidade de um legado olímpico para o Rio. **Revista Prumo**, v. 2, n. 3, 2017.
- LIMA, E. L. V. Nas tramas e falácias do planejamento urbano estratégico: marketing urbano, Modelo Barcelona e megaeventos. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 35, n. 2, 2015.
- MASCARENHAS, G.. Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades, In: BIENENSTEIN, G.; MASCARENHAS, G.; SÁNCHEZ, F. (Orgs.). **O jogo continua: Megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2011.
- MAZO, J. Z.; ROLIM, L. H.; DACOSTA, L. P.. Em Busca de uma Definição de Legado na Perspectiva de Megaeventos Olímpicos, In: RODRIGUES, R. P.; PINTO, L. M. M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. P. (Orgs). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 117-120.
- MEDEIROS, J.; HOLLANDA, B. B. B. Legado Olímpico em Questão - Megaeventos na Cidade do Rio de Janeiro e as Controvérsias em Torno dos Jogos Olímpicos Rio 2016. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte**, v. 5, n. 2, 2020.
- OLIVEIRA, N. G.; GAFFNEY, C. T. Rio de Janeiro e Barcelona: os limites do paradigma olímpico. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, v. 15, n. 895, 2010.
- PAIVA, E. K. G. **A cidade para o cidadão: o legado urbano dos jogos olímpicos**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- PAMPUCH, M.; DE ALMEIDA, B. S.; JÚNIOR, W. M. Os legados estruturais dos Jogos Olímpicos (1992-2008): uma revisão de literatura. **Cadernos da escola de educação e Humanidades**, v. 1, n. 7, 2012.
- POYNTER, G. Regeneração urbana e legado olímpico de Londres 2012. In: RODRIGUES, R. P.; PINTO, L. M. M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. P. (Orgs). **Legados de Megaeventos Esportivos**.

Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 121-151.

PREUSS, H. **The economics of staging the Olympics: a comparison of the Games, 1972-2008**. Edward Elgar Publishing, 2004.

PREUSS, H. Impactos Econômicos de Megaeventos: Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos. In: RODRIGUES, R. P.; PINTO, L. M. M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. P. (Orgs). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p. 79-90.

PREUSS, H. A framework for identifying the legacies of a mega sport event. In: **Leveraging Mega-Event Legacies**. Routledge, 2018. p. 29-50.

RAEDER, S. Desenvolvimento urbano em sedes de Megaeventos Esportivos. In: DACOSTA, L.; CORRÊA, D.; RIZUTTI, E.; VILLANO, B.; MIRAGAYA, A. Eds. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. pp. 200- 209.

ROCHA, J. M.; FURTADO, E. M.; CRAVIDÃO, F. D. A leitura funcional dos portos na perspectiva das contribuições de Milton Santos. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 2, n. 1, 2015.

ROCHE, M. **Mega-events and social change: spectacle, legacy and public culture**. Manchester: Manchester University Press, 2017.

SÁNCHEZ, F. A reinvenção das cidades na virada de século: agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de sociologia e política**, n. 16, 2001.

SÁNCHEZ, F. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2010.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2001.

SILVEIRA, M. L. Globalização, trabalho, cidades médias. **Geo UERJ**, n. 11, 2002.

TAVARES, S. I. B. Eventos mediáticos e os jovens: o legado das Olimpíadas. In: Pereira S.; Toscano, M. **Literacia, Media e Cidadania: livro de atas do 3º Congresso**. Braga: Centro

de Estudos de Comunicação e Sociedade Universidade do Minho, 2015. pp. 480-491.

VAINER, C. Pátria, empresa e mercadoria. In: ARANTES, O. B. F.; VAINER, C.; MARICATO, E. (Orgs). **A cidade do Pensamento Único**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p.75-103.

VICO, R. P.; CHIUNDILA, V. C. Turismo e o pós-evento olímpico: uma gestão mercadológica da cidade do Rio de Janeiro: Tourism and the post-Olympic event: a market management of the Rio de Janeiro city. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 7, 2019.

Sobre os(as) autores(as)

Eduardo Filipe Morais de Aquino  

duarrdoo4@gmail.com

Graduado no Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia e em Administração Pública no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) localizado na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) - Campus Varginha.

Janaina de Mendonça Fernandes  

janaina.fernandes@unifal-mg.edu.br

Professora do magistério superior da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Possui Graduação em Composição Paisagística pela Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), Graduação em Administração pela Universidade Estácio de Sá (2018), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002) e Doutorado em Administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas (EBAPE) da Fundação Getúlio Vargas (2008) e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense - PPGAU/UFF (2016).